ANNO DE 1831. TERÇA FEIRA 18 DE JANEIRO. NUMERO 13.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se mensalmente a 640 reis pagos adiantados, na Typografia Fidedigna, na loja de Livreiro de Manoel Marques Vianna, Rua da Penha a ilharga do Livramento D. 23, e em casa do Editor, rua Direita, n. 267; em cujos lugares tambem se receberão correspondencias, e annuncios: estes inserem-se gratis, sendo de assignantes, vindo assignados, e com o lugar da morada, e serão publicados no dia immediato ao da entrega, sendo esta feita até o meio dia e vindo rezumidos.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA, RUA DAS FLORES, N. 18. 1831.

INTERIOR.

Hum horrivel attentado acaba de enlutar a Cidade de S. Paulo. Hum monstro, para alli mandado pelo Governo, a fim de perturbar aquella população tranquilla e constitucional; vem de mostrar para quanto he capaz a sua alma, e de justificar todas as suspeitas que havião já nascido sobre actos anteriores da sua vida. Investido de authoridade judiciaria, encarregado portanto de conservar a ordem, serve-se do braço do assassino para perpetrar huma atroz vingança; enraivado de não poder satisfazer os seus projectos de engrandecimento pessoal, vendo que a devassa das *algazarras*, e os outros meios pueris que empregára, não surtião effeito, attribuio estes contratempos á imprensa livre e não ao seu sombrio phrenesi. Hum escriptor havia em S. Paulo, homem corajoso: perseguido na sua patria pelo crime de ter huma alma livre no meio de entes escravisados, vira-se obrigado a procurar as nossas praias, como terra de liberdade, e exercendo a sua profissão de Medico, dedicava tambem as horas ao estudo da natureza, e á redacção de hum periodico, com o titulo de — Observador Constitucional. — Conhecimentos variados, amor enthusiastico pelos direitos do homem animavão esta publicação, de hum verdadeiro merito, apezar dos defeitos da linguagem que facilmente se perdoavão a hum extrangeiro. *J. B Badaró*, este o nome do escriptor, desde os primeiros desvarios do Ouvidor *Japi Assú*, alçou a espada da censura; o pequeno Caligula de S. Paulo vottou-o á execração e jurou vingar-se; talvez pensou fazer novo serviço áquelles que o empregárão, e que tanta confiança depositavão em suas palavras, e informaçòes secretas. Vamos ao facto. Temos diante dos olhos, alem do artigo do *Observador*, cuja redacção foi continuada por alguns Cidadàos denodados, que não faltão aonde a liberdade chegou huma vez a ter culto; seis differentes correspondencias: pouco divergem humas de outras, mesmo nas mais miudas circunstancias; todas concordão em dizer que o author do assassinio do homem liberal, fôra o Ouvidor *Japi Assú*. Trasladaremos parte de huma, que nos pareceu mais bem detalhada.

« Esta Cidade acha-se bastantemente agitada; antes de hontem (20 de Novembro) as 10 e meia da noite foi assassinado o *Badaró*. Quatro Allemães o esperárão á porta de sua caza, e na occasião em que se recolhia, chegárão-se a elle e lhe disserão que tinhão huma correspondencia contra o Japi Assú, e esperavão que a inscrisse. Foi-lhes respondido que não haveria duvida, mas que voltassem de dia; hum delles então se afastou e lhes descarregou hum tiro de pistola no baixo ventre, trez ou quatro dedos abaixo do embigo, de que dahi a 24 horas expirou o defensor dos nossos direitos. Sendo ferido, gritou que era o *Japi Assú* quem o mandava mattar; que lhe acudissem; e vindo huns estudantes visinhos, o levárão a cama e forão chamar o Cirurgião. Na manhan seguinte concorreu immensidade de gente para visital-o; tudo quanto ha aqui de Medicos, e Cirurgiões; porêm logo o desenganárão de que a ferida era mortal. O moribundo mostrou a maior constancia nestes tristes momentos. « Eu morro pela liberdade (disse elle) em mim acharão os liberaes exemplos, e deixem que os corcundas, sós, usem de meios tão proprios de seus sentimentos vis: o liberal só deve marchar com a lei . . . . finalmente forão as suas ultimas palavras — morre o homem, mas fica a liberdade. » No dia 21 as 10 horas da manhã recebeo o santo viatico, e a sociedade philantropica, que pela primeira vez se reunio, e tomará luto por 8 dias, veio toda acompanhal-o. Depois deste acto religioso, a dor e compaixão do povo tornou-se hum verdadeiro furor contra os assassinos. Vendo que nenhuma authoridade os perseguia, que tudo dormia em repouso; o povo pouco a pouco se foi reunindo em grupos, marchou para a caza aonde estavão os Alemães, prendeu hum, e dous fugirão para a do *Japi Assú*. Porêm mais de 200 pessoas lhe cercarão o porta, e perguntárão ao Juiz de paz que estava dentro, se aquillo era cadea, para o guardarem alli facinorosos ? que ou lhes

entregasse, ou os remetesse á prizão.

Immediatamente os réos forão entregues, e depois de mettidos na enxovia, ressoárão muitos, amiudados gritos de vivas á Constituição, etc. Dahi sahio-se em busca do outro Allemão, que se evadio. A caza do *Japi Assú* ficou rodeada de muita gente, e talvez no excesso da paixão se tivesse attentado contra elle; o que era facil, se não houvesse todo o cuidado em recommendar a todos — moderação com energia, e nada que não fosse legal. — O povo alli se manteve de guargar toda a noite, apezar de cahir muita chuva: não se faz idéa do estado do espirito publico em S. Paulo. O Conselho do governo está reunido, e ordens forão dadas para se vigiar na tranquilidade publica. Doze patrulhas forão espalhadas, e huma guarda de 6 homens postada á porta do Japi Assú, que dizem estar pronunciado na devassa a que se procedeu. Dezejara que ahi imaginassem ao vivo toda a colera dos honrados Paulistas contra o infame. Não ha quem não anhele vel-o punido como merece; se o patibulo devesse ser conservado, fôra para hum crime semelhante, perpetrado por ordem de huma authoridade, a quem está encarregado o cuidado e governo da justiça. Hoje ha-de fazer-se á noite, o enterro do *Badaró*, que dizem será o mais pomposo que aqui se tem visto: o seu retrato foi tirado para se collocar em frente do mausoleo; as suas derradeiras palavras, as recommendaçòes que fez aos seus amigos, vão ser escriptas, para se porem em redor do tumulo. Enganão-se os malvados, se acreditão que assim ha-de recuar a causa santa da liberdade: forão os martires que cimentárão sempre todas as crenças religiosas ou politicas. »

Poucas reflexòes ajuntaremos. Os executores do homicidio pertencem a essa escoria da Europa que o nosso Governo, a grande custo, teve o cuidado de transportar para o Brasil: dignos sattelites da escravidão, facinorosos por officio, elles desempenhão em detalhe as vistas, mais amplas talvez, de quem os mandou vir de tão longe. O autor do assassinio he esse mesmo Magistrado, a cuja palavra os nossos Ministros se pozerão em commoção, julgárão S. Paulo sepultado na anarchia; e hum delles encommodou a Camara dos Deputados com ineptas requisiçòes, e medos. A victima foi hum escriptor liberal. *Não os amigos da ordem, os defensores do throno e do altar* quem se tem manchado com taes horrores: os liberaes não assassinão; combaterão se for preciso. Huma *Gazeta*, hum *Analista*, existirão impunes: impune escrever o *Cruzeiro*, o *Amigo do Povo*, e o *Imparcial*: todos os dias nesses escriptos são ultrajados individuos, que gozão estima publica, e os Brasileiros em geral, como corpo de nação: e que perigos tem corrido esses escravos? Nenhum. Entre os que defendem as instituiçòes livres, e censurão os abusos da authoridade, não poucos tem sido marcados pelo fogo, e pelo ferro de traidores. O Redactor da *Malagueta*, do *Diario de Pernambuco*, agora o do *Observador Constitucional* e alguns outros tem sellado com o seu sangue a causa santa a que se voltarão. Ella por isso não vacillará, e como diz o continuador da Folha de S. Paulo: « das cinzas daquelle amigo da humanidade renascerão vingadores, surgirão novos Campeões da causa da Patria. » O que fará agora o nosso Governo? Tomará o partido do malvado, para sobtrahil-o a huma punição justa, e carregará assim com todo o odioso do seu crime? He o que nos resta ver.

(*Aurora.*)

SE o Governo do Brazil quer sinceramente a prosperidade da Nação, que o fundou, se não transige com os inimigos da Ordem Publica; se os não apoia, soccorre, açula; se não pertende por si mesmo transtornar essa, ordem, e estabelecer a desordem, como mais proficua a seus interesses, siga o que lhe recomenda o Cruzeiro 10 « Sabe-se perfeitamente, diz-elle, que os malvados gostão de fazer a guerra ás escondidas; porem o Governo deve fazela abertamente » Sob pena, accrescentamos nós, de ser increpado de conivente com elles; e se esses faccinorosos passaõ das trevas á luz, passaõ dos Clubs a fazer a guerra publicamente, e o Governo ainda indulgente, ainda manhoso os não destroe, torna-se tão digno; com o elles, de perseguição, e ruina.

« Como elle (o Governo) não saberá (diz mais o Cruzeiro) tirar-lhes a vontade de fazer mal, é necessario tirar-lhes todos os meios, que estiverem ao seu alcance: » é necessario (accrescentemos ainda) applicar-lhes severamente o castigo, que lhes está marcado por que se assim fizer *será sempre applaudido por todos os bons Cidadãos*, e somente odiado, mas temido dos perversos. — Mas, *terá o Governo do Brazil uma só vez reflectido nestas verdades?* O manejo dos Absolutistas não tem sempre medrado, com escandalo dos Cidadãos pacificos? Mais ainda, não os vemos augmentados, premiados, distinguidos com liberdade; e os que com denodo e coragem se oppoem á seus tramas, para sustentar esse

Governo, perseguidos por elle, menoscabados, ou desprezados? Sempre faltas! Sempre erros! Sempre attentados! Usque tandem, abutere patientia nostra?

—Pede-se-nos a inserção do seguinte artigo da Nova Luz Brazileira.

Deve reeleger-se o Deputado que aceita o Ministerio?
Devem ser reeleitos os Srs. Maia, e Holanda Cavalcante?

—Estas duas propozições cumpre que sejão muito meditadas pelos nossos Leitores, a fim de não ariscarmos passos, que nos abismem. No Diario da Camara dos Srs. Deputados, Sessão de 5 de Maio de 1828, pag. 5, se le a seguinte opinião do Sr. Holanda Cavalcante; ahi vai pelas mesmas palavras. —*Eu affirmo, que se fosse eleitor, jamais reelegeria para Deputado o que daqui sahisse para o Ministerio, por maior que fosse a confiança que delle tivesse feito na Camara. A Provincia, que tal reeleição faz, tem um Representante de menos.* — São formaes palavras do Sr. Holanda Cavalcante.

Pernambucanos, eis ahi a opinião do Sr. Holanda, que com tudo acceitou o Ministerio; e que prova mais evidente se pode offerecer, de que elle tem abandonado os interesses Publicos? Em verdade se elle está persuadido, de que não se pode ser bom Deputado, e conjunctamente Ministro d'Estado, e se estando no exercicio de Representante da Nação elle aceitou o Ministerio, é claro, que elle não quer continuar a ter a honra de representar Pernambuco, e que se esta Provincia o reeleger, terá um Reprezentante de menos na Camara dos Srs. Deputados. Attentai bem nesta doutrina, e sentireis sua justeza.

Dir-se-ha que Pernambuco nada perde reelegendo o Sr. Holanda Cavalcante, pois que durante a Sessão de 1830 não procedeo como os Pernambucanos dezejarião. Que fez elle? umas tabellas de Orçamento, que o mais ignorante Sargento organizaria melhores, e de natureza tal, que a Camara apezar de suas repetidas requizições as não quiz tomar em consideração: que mais fez? defendeo, ou pretendeo que se approvasse a reducção do quinto do Congo Soco, com uma obstinação que envergonhou a não poucos: em fim o Sr. Cavalcante celebrizou-se por suas opiniões singulares, e extravagantes, pela apologia e excessivos elogios a Lamenha Commandante das Armas de Pernambuco, pela approvação de todas as pensões e tenças, ainda as mais escandalozas, e pelos seus votos sempre contrarios as garantias de nossos Direitos. Quando o Sr. Cavalcante se fazia cargo destas cousas *tão dignas delle*, fazia discursos de uma, e duas horas, em que parecia liberalizar, sendo a concluzão sempre pelo arroxo. Esquecia-nos dizer, que o Sr. Holanda votou contra a rezolução, que restituia a seus verdadeiros donos as terras uzurpadas pela ultima medição da Nacional fazenda de Santa Cruz.

O Sr. Maia é muito conhecido em todo o Brasil, e julgamos impossivel, que os illustrados Mineiros o reelejão; é impossivel, impossivel.

Por esta occasião não podemos deixar de dirijir duas palavras ao Sr. Luiz Cavalcante. Este Sr. Deputado mereceo alguma opinião, porque apparentava dignidade, e caracter, e não por suas luzes, e trabalhos Legislativos que são nenhuns. Este anno pareceo-nos degenerado por suas votações, e discursos, em que se occupava mais de injurias a pessoas, que o Brazil considera, do que dos interesses publicos, que lhe cumpria promover. Silenciozos observamos sua conducta, que desmentia o bom conceito que delle formava o Publico, mas taxados de excessivos, de calumniadores pelo partido moderado-jezuitico, não nos animavamos a interpôr o nosso juizo, esperando occazião mais opportuna. Appareceo em fim o mesmo Sr. Luiz Cavalcante arrancando a si proprio a mascara, e gritando na Sessão, em que se discutião as emendas do Senado á Lei do Orçamento, que seu Irmão Holanda era um homem de bem, que elle havia mudado de sentimentos depois que elle (Holanda) fora nomeado Ministro da Fazenda, e soltou depois os diques aos mais virulentos iusultos e calumnias. Muitos Srs. Deputados rebaterão a ouzadia do Sr. Luiz Cavalcante. O Sr. Paula e Souza combatendo ao Sr. Cavalcante, mostrou-lhe que era o echo das intrigas de Palacio, que era ali que os inimigos da Liberdade do Brasil sonhavão com Regencias, com Republicas, e outros que taes disparates, e que muito desconfiava do Sr. Holanda, cuja administração tanto transtornara o cerebro do Sr. Luiz Cavalcante. Não satisfeito este Sr. com tão completa derrota, tornou a medir suas forças com o Sr. Paula e Souza na Assemblea Geral em prezença das duas Camaras. Teve o Sr. Luiz Cavalcante a ouzadia de injuriar o Sr. Paula e Souza, depois de ter tentado achincalhal-o. Mas o Sr. Paula e Souza respondeo-lhe com o mais expressivo silencio, o que foi geralmente apoiado.

Que nos dirão agora os jesuitas modera-

dos furiozos? Chamar-nos-hão calumniadores? é muito provavel, porque expomos os acontecimentos taes quaes, sem nenhuma inflencia das paixões, porque escrevemos para beneficio so da nossa Patria, e não para lograrmos credito de homem sizudo, polido, e moderado. Elogios alcançados á custa de occultar-mos a verdade, altamente desprezamos; venhão embora milhões de vituperios, e calumnias, delles nos não importa: todo o nosso esmero, e disvelo é salvar a nossa Patria.

EDITAL.

A Junta da Fazenda Publica desta Provincia, tendo de continuar com as remessas de Letras para Londres, convida a todos os Negociantes, e Capitalistas, tanto Nacionaes, como Estrangeiros, a quem fizer conta saccar Letras sobre aquella Praça, compareção na Salla das Sessões da mesma Junta, no dia 19 do corrente, a fim de se proceder aos necessarios ajustes.

E para que chegue a noticia de todos se mandou affixar este Edital nos lugares mais publicos, e inserir no Diario d'esta Cidade. Secretaria da Junta da Fazenda Publica de Pernambuco 15 de Janeiro de 1831 —

Joze Victorino de Lemos.

AVIZOS PARTICULARES.

PRecisa-se de um cozinheiro livre, ou captivo, dirijão-se á rua do Rozario que vae para o Carmo, casa de Joaquim Aurelio, 1.º andar, ou anunciem.

NOTICIAS MARITIMAS.

Navios Entrados no dia 14.

— *Rio de Janeiro*; 16 dias; G. ng. *Phoebe*, Cap. *John Beatson*, equip. 14, em lastro: ao Capitão.

Entrados no dia 15.

— *Dito*; 35 dias; e seguio no mesmo dia para *Baltimore*; B. Amer. *David*, Cap. Clement Darrell, equip. 13; carga generos do Rio.

— *Lisboa*; 56 dias; S. *Passos e Victoria*; M. *Manoel Joze Ribeiro*, equip. 14; carga sal: de *B. J. da Costa*.

— *Rio formozo*; 1 dia; L. *S. Joze Viajante*, M. *Antonio Joze da Costa Fernandes*, equip. 7; carga caixas: do mestre.

— *Buenos Ayres*; 35 dias; B. *Novo Despique*, Cap. *Jozé Feliciano Pereira*, equip. 16; carga carne secca: a *Joze Antonio d'Oliveira*.

Entrados no dia 16.

— *Porto de Galinhas*; 12 horas; S. *N. S. do Rozario*, M. *Jeronimo Moreira*, equip. 8, carga caixas: de *Joze Antonio Falcão*.

— *Una*; 1 dia; S. *S. Antonio Triunfo*, M. *Joze Ignacio Carneiro*, equip. 13; carga caixas: de *Joaquim Joze da Costa*.

Entrados no dia 17.

— *Mar pacifico*; tendo sahido de Nantacket, a 41 mezes; 41 mezes; G. Amer. *Alexander*. Cap. *Samuel Buncker*, equip. 27; carga azeite de peixe: ao Cap.

Sahidos no dia 14.

— *Goianna* L. *S. João Baptista*, M. *Jorge Teixeira de Souza*, equip. 5; em lastro.

— *Rio Formozo*; S. *S. Antonio Ligeiro*, M. *Joze Joaquim da Costa*, equip, 10; em lastro.

— *Goiana*; C. *Lealdade*, M. *Joaquim Joze de Castro*, equip. 7; em lastro.

— Una; C. *S. Cruz*, M. *Joze Rodrigues*. equip. 7; em lastro.

Sahidos no dia 15.

— *Rio de Janeiro*, por *Jaraguá e Bahia*; Paq. Nac. *Paquete da Bahia*, Com o 1.º Tenente *Francisco Joze de Mello*. Passageiros para o Rio Francisco Carlos Schimnd; para Alagoas Justino Méroz, e João Francisco de Sousa; e para a Bahia Francisco Thomaz de Freitas, Fr. Manoel de S. Joze Leonissa, Fr. João do Nascimento de Maria, Fr. Antonio do Paraizo, e Domingos Lopes.

— *Triest*; B. Ing. *Minx*, Cap. *George Leslei*, equip. 9; carga assucar.

— *Falmouth*; B. Ing. *Creole*, Cap. *William Simouds*, equip 10; carga assucar.

— *Una*; S. *Desengano feliz*, M. *Felis da Costa*, equip. 8; em lastro.

Sahidos no dia 16.

— *Goiana*; L. *S. do Pilar*, M. *Silvano Joze do Esp. Santo*, equip. 6; em lastro.

— *Triest*: B. Ing. *Triendship*. Cap. *Thomas P. Tucker*, equip 7; carga assucar.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA. 1831.